

O problema Marx-Engels: por que Engels não falseou O capital marxiano*

Michael Krätke**

Resumo:

O artigo analisa as críticas dirigidas a Engels a respeito de sua edição dos livros segundo e terceiro d'*O capital*. Durante todo o século XX, Engels foi frequentemente censurado por haver falseado as intenções de Marx para sua obra econômica. O texto se vale da publicação, na edição MEGA, dos manuscritos originais de Marx, bem como dos manuscritos redacionais de Engels, para lançar novas luzes sobre o problema.

Palavras-chave:

Friedrich Engels; Karl Marx; *O capital*; Marx-Engels Gesamtausgabe; marxismo.

The Marx-Engels problem: why did Engels not falsify the Marxian The capital

Abstract:

The paper discusses the criticism against Engels' edition of second and third volumes of *Capital*. During the entire 20th century, Engels was often criticized for having distorted Marx plans for his economic work. The paper analyzes the many Marxian and Engelsian original manuscripts recently published in the MEGA edition, in order to reassess the problem under a new perspective.

Key words:

Friedrich Engels; Karl Marx; *Das Kapital* Marx-Engels Gesamtausgabe; marxism.

* Texto publicado originalmente no *Marx-Engels-Jahrbuch* 2006. Tradução de Leonardo de Deus.

** Professor de economia política na Universidade de Lancaster.

O problema Marx-Engels

O marxismo fabricou um mito a partir da amizade e do trabalho em comum de Marx e Engels. Ambos foram descritos e celebrados como unidade, um coração e uma alma. Gustav Mayer já pôs um ponto final nessa questão em sua biografia de Engels. Mesmo sem mitos heroicos, no entanto, sua associação permanece um fato histórico. Ninguém esteve tão próximo de Marx intelectualmente quanto Engels, portanto, ninguém estava mais qualificado e preparado para editar e publicar seus manuscritos póstumos. Segundo todas as evidências de que Engels era um homem modesto, avesso a afetações intelectuais, pode-se seguramente levá-lo a sério: ele abandonou vários trabalhos próprios, planos e projetos ambiciosos para editar a obra de seu amigo morto – uma tarefa que o próprio Marx considerara sem solução (cf. MAYER, 1971).

Maximilien Rubel, durante décadas um crítico severo do mito Marx-Engels, em seu último artigo, atacou enfaticamente a atribuição a Engels de distorção ou falseamento da exposição pretendida por Marx nos livros segundo e terceiro de *O capital*. Para responder a tal imputação, ele não precisou negar em absoluto as numerosas e agora bem conhecidas diferenças entre Marx e Engels (cf. RUBEL, 1995; KRADER, 1976; CARVER, 1983; 1999; STANLEY; ZIMMERMANN, 1984; 1984).

No marxismo ocidental, a aversão compreensível contra o mito partidário e oficial do Dióscuros Marx-Engels se tornou uma explícita aversão a Engels. Isso fez que Engels caísse no esquecimento como historiador e teórico político, bem como especialista em assuntos militares; suas realizações intelectuais, em geral, foram postas de lado, consideradas ou irrelevantes ou destoantes da obra marxiana e, antes, prejudiciais. Repetidas vezes, Engels foi apresentado como criador do “marxismo”, como quem iniciou a sua posterior vulgarização e falsificação. Repetidas vezes, foram-lhe reprovadas amplas incompreensões das sutilezas da teoria marxiana. Em seu estudo sobre a relação intelectual de Marx e Engels, Terrell Carver datou a escalada da acusação e também a queda de Engels: no verão de 1859, quando este escreveu, a pedido de Marx, uma recensão em três partes sobre *Para a crítica da economia política*, manifestou sua incompreensão, fundamentou e começou o caminho no “marxismo”. Segundo Carver, em agosto de 1859, Engels inventou a “dialética” e reduziu o método de Marx a um simples denominador comum com uma dialética hegeliana aplicada (CARVER, 1983, pp. 96 ss). Em particular, Carver reprovou a “historicização” do método marxiano, que Engels realizara em seu segundo artigo; pareceu-lhe excessiva mesmo a conjectura engelsiana – extremamente óbvia diante do texto marxiano – de que haveria “um nexos” entre história e teoria em Marx (CARVER, 1983, p. 114).

Engels enfatizou as distinções existentes entre ele mesmo e seu admirado amigo. Ele se via como o segundo violino na dupla Marx e Engels. No entanto, ele precedeu frequentemente a seu amigo – e, por sua vez, Marx nunca se importou em reconhecê-lo. De Engels se originou a crítica da economia política – seu *Esboço para uma crítica da economia política*, do ano de 1844, é mencionado elogiosamente e citado não menos do que cinco vezes no livro primeiro d’*O capital*. Marx estudou e utilizou igualmente em detalhe a pesquisa de Engels em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, de 1845; este trabalho engelsiano é frequentemente utilizado e citado no livro primeiro d’*O capital*.

Engels foi uma mente autônoma e um cientista – também sem ensino médio ou título doutoral – antes que se encontrasse com Marx e a ele se ligasse¹. Ele era também o único cuja opinião Marx respeitava, o único que ele aceitava como mente congenial. Marx e Engels trabalharam juntos por longo tempo, não apenas nos anos 1840, quando escreveram toda uma série de manuscritos extensos, como *A sagrada família*, a inconclusa *A ideologia alemã* ou o *Manifesto do partido comunista*. Vários projetos comuns de ambos nunca foram realizados ou elaborados e somente esboços foram levados adiante. Assim, por exemplo, já sua planejada crítica da economia política de Friedrich List ou sua projetada polêmica contra a obra de 1851 *Ideia geral da revolução do século XIX*, de Proudhon. No primeiro caso, restou um fragmento manuscrito de Marx, conservado por Engels, no segundo, um manuscrito de Engels (MARX, 1975, pp. 265-93; ENGELS, 1979, pp. 545-70)².

De 1850 a 1883, Engels foi o mais importante interlocutor para Marx, que com ele discutiu exaustivamente todos os seus projetos, a quem pediu vários conselhos sobre questões específicas, a quem apresentou em primeira mão suas novas descobertas teóricas, sobre as quais dele ouviu conselhos e críticas. Marx discutiu com Engels a estrutura e a forma de sua crítica da economia política e ele era o único a quem informava regularmente sobre o progresso de seu trabalho. Apenas um dos menos conhecidos episódios dessa colaboração: em maio de 1858, Marx passou alguns dias com Engels em Manchester – de 6 a 24. Nesses dias, Marx ainda escrevia o manuscrito do *Esboço da crítica da economia política*, que abandonaria em 1858. Nessa fase conclusiva, é pouco provável que os dois não

1 Na Alemanha, onde o cretinismo acadêmico floresceu desde sempre, deve-se certamente acrescentar: o homem não era nem habilitado!

2 A crítica a List nunca foi terminada. Pode-se apenas especular por que Marx deixou de lado o trabalho. Ele tinha de lidar com a teoria do comércio internacional, cuja crítica ainda não lhe estava clara então.

tenham conversado sobre o esboço, especialmente já que Marx, pouco antes, no começo de abril de 1858, relatou em detalhe a seu amigo a situação de seu trabalho³. Para todo o período de 1857-8 a 1870, quando Marx trabalhou em várias versões de sua crítica da economia política e conduziu sua pesquisa econômica em várias tentativas, sua correspondência com Engels mostra quão importante era este interlocutor e quanto Marx valorizava sua opinião. Com a mudança de Engels para Londres, em 1870, diminuiu a correspondência, nossa fonte mais importante sobre o intercâmbio intelectual e o modo de colaboração entre Marx e Engels. Do testemunho de terceiros, entretanto, sabemos que, daquele momento até a morte de Marx, em março de 1883, eles se viam e conversavam quase diariamente. Por outro lado, é difícil aceitar que conversassem apenas sobre o clima e que não tivessem tempo para discussões sérias sobre os projetos comuns que lhes fossem caros.

O próprio Marx descreveu Engels como seu parceiro congenial: “Naquilo que diz respeito a mim mesmo e a *Friedrich Engels*”, ele escreveu no *Herr Vogt*, “eu menciono Engels porque nós dois trabalhamos segundo um plano comum e um acordo prévio” (MARX, 1984, p. 140; 1987, p. 472). Isso também valia nos anos 1870. Marx participou diretamente da série de artigos de Engels contra Dühring. Desta vez, Engels atuou como autor principal, mas Marx estava a par e contribuiu com um texto extenso para a crítica da história crítica da economia política de Dühring (cf. MARX, 1988, pp. 131; 216). Não há qualquer indício de que Marx não estivesse de acordo com Engels sobre a exposição de sua concepção comum nos pontos decisivos. Parece-nos que Engels leu-lhe pelo menos parte do texto (cf. WELTY, 1983; McLELLAN, 1998).

O trabalho em comum de Marx e Engels no *Anti-Dühring* foi documentado em detalhe, pela primeira vez, no volume I/27 da MEGA. Ao lado do texto publicado, o volume também contém todos os materiais preparatórios deixados por Engels e Marx. As glosas marginais de Marx sobre a *História crítica da economia política e o socialismo*, de Dühring, são de particular interesse, porque encerram a única e última peça totalmente elaborada sobre história da teoria da economia política que conhecemos, ao lado dos capítulos de *Para a crítica da economia política* e das várias notas de rodapé e observações manuscritas no livro primeiro d’*O capital*. Os rascunhos e esboços reunidos sob o título de *Teorias do mais-valor*, que ocupam lugar próprio no *Manuscrito de 1861-3*, ainda tinham o caráter de um autoesclarecimento, uma verificação dos resultados obtidos por meio de uma renovada crítica das teorias dos economistas clássicos. Para Marx, este era um teste decisivamente importante da consistência de sua própria teoria: poderia ele resolver os problemas em que os economistas clássicos falharam e, ao mesmo tempo, mostrar por que eles falharam? Portanto, tal manuscrito ainda não era a história da teoria que Marx desejara escrever, segundo seu plano de 1862, como o “quarto livro”, mas provavelmente um trabalho preparatório. São bastante similares os três capítulos de história da teoria que se encontravam nos manuscritos do livro segundo d’*O capital* e que Engels incorporou à sua edição. Aqui Marx seguiu o modelo de sua *Para a crítica*, que abandonou, no livro primeiro d’*O Capital*, em favor de um modo de exposição mais flexível.

Do mesmo modo, o estudo de Engels sobre *A origem da família, da propriedade privada e do estado*, que escreveu depois da morte de Marx, baseia-se em grande parte em trabalhos preparatórios de Marx sobre vários estudos etnológicos e antropológicos dos anos 1877-8 e depois (cf. KRADER, 1976). Engels mesmo nunca fez segredo de que desejava apenas realizar um plano de Marx – ele diz isso expressamente no “Prefácio” da primeira edição, de 1884 (cf. *A origem da família... in: MARX; ENGELS, 1962b, p. 27; 1988, p. 493*) – e contou a amigos como Karl Kautsky e Friedrich Adolph Sorge que, de fato, utilizou as notas e excertos marxianos para seu trabalho (cf. cartas de Engels a Kautsky de 16 de fevereiro, 24 de março, 11 de abril e 26 de abril de 1884 *in: MARX; ENGELS, 1979c, pp. 109-10; 129; 133; 142*; carta a Friedrich Adolph Sorge de 7 de março de 1884 *in: MARX; ENGELS, 1979c, p. 124*). Seus estudos preliminares para a planejada história da filosofia e das ciências da natureza – publicada postumamente, pela primeira vez, em 1925, sob o título *Dialética da natureza* –, Engels os redigiu na maior parte ainda em vida de Marx, nos anos de 1873 a 1883 (cf. ENGELS, *Dialética da natureza in: MARX; ENGELS, 1975b; 1985*). Marx conhecia o plano de Engels e tinha uma opinião a respeito, em absoluto uma recusa categórica. Ao contrário da maioria dos marxistas, Marx era bem informado, a partir de estudos próprios, sobre a situação das ciências naturais de seu tempo (cf. MARX; ENGELS, 1999). Ele deveria considerar a pesquisa planejada de Engels um importante complemento de seu próprio trabalho na crítica da economia política; de fato, estava convencido de que havia um vínculo necessário, histórico e sistemático entre o desenvolvimento do capitalismo moderno e a enorme expansão das ciências naturais desde o século XVIII.

3 Ver a respeito a exposição do “plano de seis livros” e o progresso da exposição planejada na primeira seção do primeiro livro – “O capital em geral” – em: carta de Marx a Engels de 2 de abril de 1858 (*Werke* [MEW]: MARX; ENGELS, 1978a, pp. 311-8; MEGA: MARX; ENGELS, 2003b, pp. 121-5), assim como a evidência que o próprio Marx forneceu em sua carta a Engels de 14 de janeiro de 1859 (1978a, p. 383; 2003b, p. 275).

Uma agravante

No marxismo ocidental, é dado como certo que Engels compreendeu mal a crítica marxiana da economia política, ao menos o método “dialético” marxiano. Desde a publicação dos manuscritos marxianos originais para o livro terceiro d’*O capital* – no volume II/4.2 da MEGA – ele foi reprovado por não ter publicado o texto marxiano fiel e literalmente, mas o teria modificado decisivamente por meio de incontáveis intervenções. Modificara tão substancialmente que se poderia falar de uma falsificação (cf. VOLLGRAF; JUNGnickel, 1994; HEINRICH, 1996-1997). Essas conjecturas já existiam antes. Em seu prefácio à edição popular do livro segundo de *O capital*, Kautsky formulou o problema com precisão: se alguns supunham que Engels “nem sempre compreendeu completamente o raciocínio marxiano, e nem sempre organizou e redigiu os manuscritos de acordo com esse raciocínio”, então se deveria certamente comparar o texto elaborado por Engels com os manuscritos marxianos originais e, onde necessário, corrigir. Entretanto, se Kautsky fizesse isto e chegasse a resultados diferentes dos de Engels em certos pontos, “qual garantia teriam os leitores de que justamente minha concepção do raciocínio marxiano estivesse mais próxima do que a de Engels?”. Para avançar, portanto, os manuscritos marxianos originais deveriam ser totalmente publicados, “tal qual são”. Kautsky errou quando disse que isto seria de interesse apenas para alguns marxólogos (KAUTSKY, 1926, p. XI). Quando se permite mostrar que Engels ajustou os manuscritos marxianos no sentido do posterior “marxismo”, tendo assim resumido, distorcido e desfigurado, então isso seria motivo suficiente para examinar o “caso Engels” em todos os detalhes e apresentar completamente as evidências, mesmo que volumosas. Estamos (quase) prontos hoje. Porém, a dúvida de Kautsky permanece. Que garantia temos de que a interpretação atual compreende mais o raciocínio marxiano original em relação a Engels?

O prefácio de Kautsky também se voltava contra as contribuições de Engels ao debate sobre a teoria marxiana. De fato, este impulsionou a polêmica que perdura até hoje sobre a teoria marxiana de valor e preço, na forma do conhecido problema que formulou em sua edição do livro segundo d’*O capital*: “Se eles [dirige-se aos economistas e, em particular, os seguidores de Johann Karl Rodbertus – M. K.] demonstram como se pode e deve formar uma taxa de lucro médio igual, não apenas sem violar a lei do valor, mas antes com fundamento nela, então queremos continuar a debater com eles.” (ENGELS, “Prefácio” a *O capital* I. II in: MARX; ENGELS, 1963, p. 26)⁴ O desafio seria aceito, embora não pelos seguidores de Rodbertus. Nos anos seguintes, seria publicada toda uma série de tentativas de solucionar o “enigma da taxa de lucro médio” – tais como George Christian Stiebeling, Conrad Schmidt, Peter Fireman, Wilhelm Lexis, Julius Wolf, Julius Lehr e Achille Loria (cf. HOWARD; KING, 1989, pp. 25-35). Sobre a solução correta, desencadeou-se uma luta severa da qual Engels se absteve. Somente no prefácio de sua edição do livro terceiro, em 1894, ele abordou algumas das contribuições. Seus breves comentários deixam perceber que a tentativa de Conrad Schmidt – *A taxa de lucro médio com base na lei do valor marxiana*, de 1889 – foi aquela que mais o impressionou: O “escrito do pequeno Schmidt em Berlim” mostra, assim ele escreveu a Bebel, que “o jovem já trabalhou tão meticulosamente quanto bem – a ele é dirigido o mais alto crédito” (carta de Engels a August Bebel de 15 de novembro de 1889 in: MARX; ENGELS, 1967b, p. 302).

Tivesse Engels razão em promover tal debate, como seria possível obter, apenas a partir de conjecturas sobre a solução marxiana, respectivamente a correta solução do problema marxiano? De todo modo, se estivesse em situação similar, tal qual aquela em que se atreveram a entrar os intelectuais social-democratas como Conrad Schramm, na imprensa socialista, sobre a interpretação de sua teoria do valor, abertamente Marx se calaria com acrimônia e apenas com brevidade expressaria seu aborrecimento sobre o absurdo que se difundia. Aquilo que o incomodava era a tentativa de solucionar de antemão o problema relativamente complexo de valor e preço de produção, que ele mesmo ainda não tinha resolvido, “por meio de discursos escolásticos, vazios”, portanto, discutir um problema de modo tipicamente teuto-filosófico, sem compreendê-lo, sem muito menos solucioná-lo (carta de Marx a Ferdinand Domela Nieuwenhuis de 27 de junho de 1880 in: MARX; ENGELS, 1966, p. 447). Engels deve ter-se surpreendido ao constatar que algumas contribuições, especialmente de Conrad Schmidt e Peter Fireman, mostraram-se corretas na colocação marxiana do problema e sua solução. A saída de Schmidt, no entanto, não era compatível com a teoria marxiana do valor e o substancioso artigo de Fireman não avançou significativamente para chegar à plena solução do problema (cf. ENGELS, “Prefácio” a *O capital* I. III in: MARX; ENGELS, 1964, pp. 18-21; 2004, pp. 14-7)⁵. De resto, Lexis, Wolf e Stiebeling foram reprovados por erros de contas e de pensamento, e

4 Certamente, já na conclusão do primeiro capítulo de *Para a crítica da economia política*, de 1859, Marx reconhecera o problema de como, com base no valor, poder-se-iam desenvolver preços de mercado distintos dos valores, e anunciara a solução para a “teoria da concorrência” (cf. MARX, “Para a crítica da economia política” in: MARX; ENGELS, 1961, p. 48; 1980, p. 139).

5 Em sua crítica a Conrad Schmidt, Engels antecipou em parte os debates posteriores sobre o assim chamado “problema da transformação”: Schmidt, de acordo com Engels, incorreu em erro porque “acreditou que deveria encontrar uma fórmula matemática que possivelmente permitisse estabelecer a consonância do preço médio de cada mercadoria com a lei do valor”, portanto, porque quis demonstrar demais (MARX; ENGELS, 1964, p. 19; 2004, p. 15).

de Achille Loria Engels fez apenas escárnio. Assim, considerou correta a solução marxiana e se calou tanto sobre obscuridades quanto sobre lacunas na exposição do próprio Marx.

Ainda assim, Engels avaliou que a exposição marxiana, definitivamente, necessitava de acréscimos. A Werner Sombart dirigiu o convite amigável, dizendo que ainda gostaria de conduzir com tranquilidade uma pesquisa, de investigar e pesquisar aqueles longos processos, desde o valor nos primórdios do escambo até o “valor na forma de produção capitalista”. “Uma explanação realmente histórica desse processo, que certamente exige estudo proficiente, mas que também promete resultados profícuos e compensadores, seria um complemento valioso para *O capital*” (carta de Engels a Werner Sombart de 11 de março de 1895 in: MARX; ENGELS, 1968, p. 429). Engels não poderia supor que disso resultasse algo totalmente diferente, a saber, o livro de Sombart *O capitalismo moderno*, de 1902, que não é interpretação histórica do desenvolvimento do valor, mas que contém a demolição, apresentada como teoria, de alguns dos principais momentos da teoria da formação do capitalismo moderno na Europa. Engels mesmo concebeu, em maio de 1895, um pequeno estudo sob o título de “O último trabalho de Fr. Engels: complemento e adendo ao livro terceiro d’*O capital*”, publicado postumamente na *Neuen Zeit*. Este “adendo” seria anexado às edições posteriores do livro terceiro engelsiano, sob o título de “Lei do valor e taxa de lucro” – não por Engels, mas, inicialmente, pelos guardiões soviéticos da nova doutrina pura, que, em 1933, sob ordens do Instituto Marx-Engels-Lênin e em concorrência com a edição popular de Kautsky, publicaram uma edição em alemão do livro terceiro de *O capital*. No texto de Engels, foi colocado juntamente com a sua discussão sobre “Bolsa”, sob o título de “Adendo”, precedido pelo texto principal. Desde então, o texto de Engels foi tratado no marxismo ortodoxo como elemento integrante do livro terceiro.

Desde então, esse texto foi a pedra no caminho dos defensores do pretense falseamento de Marx por Engels. Ele estimula a noção de que o conceito de valor poderia ter algo que ver com história, poderia haver não apenas asserções válidas sobre alcance histórico e validade da conhecida “lei do valor”, mas até mesmo uma argumentação consistente sobre o desenvolvimento histórico do valor, bem como das diversas determinações do valor⁶. Nos manuscritos marxianos, certamente, as duas questões são claramente abordadas, senão exauridas. Além disso, esses defensores estimulam a ideia facilmente compreensível de que ainda poderia haver complementos significativos a *O capital* marxiano, já que vivem na crença de que *O capital* estaria pronto de fato, o processo de pesquisa marxiano teria sido concluído em algum momento dos anos 1870 ou mesmo já muito antes, de modo que ainda restasse apenas alcançar a forma ideal de exposição. Eles não consideram o Marx histórico, nem o levam a sério. Quanto a Engels, que o conhecia, não se pode presumir que agisse desse modo.

A tarefa de Engels – como ele a via e compreendia

No começo de 1866, quando havia redigido a primeira versão dos três livros planejados de *O capital*, Marx se reportou a seu amigo. Concluiu com as seguintes palavras: “Embora pronto, o manuscrito, imenso em sua forma atual, não é publicável para ninguém além de mim, nem mesmo para você” (carta de Marx a Engels de 13 de fevereiro de 1866 in: MARX; ENGELS, 1965, p. 178). Nos anos 1870, quando Marx concluiu a segunda edição alemã e a edição francesa do livro primeiro, ele ainda estava longe de estar satisfeito. A edição francesa foi considerada por ele a melhor, pois tinha um “valor científico independente da original” e deveria servir como base para futuras edições do livro primeiro (MARX; “Prefácio” e “Posfácio” à edição francesa de *O capital*. I in: MARX; ENGELS, 1979b, p. 32; 1989, p. 690). Essa edição francesa foi mais “historizada” do que a alemã. Marx quis dizer que acrescentou muitas novidades e “essencialmente, expressou muito mais de modo melhor” (carta de Marx a Friedrich Adolph Sorge de 27 de setembro de 1877 in: MARX; ENGELS, 1966, p. 295)⁷. Ele ainda tomava a coisa como longe de ser acabada.

Para a terceira edição alemã do livro primeiro, Marx queria fazer apenas “o mínimo de alterações e adendos possível”, para poder completar os livros segundo e terceiro rapidamente. Ele considerava necessário retrabalhar continuamente o livro primeiro (carta de Marx a Nikolaj Francevic Daniel’son de 13 de dezembro de 1881 in: MARX; ENGELS, 1967a, p. 246). Engels não poderia ignorar isso por completo; mas, certamente, foi deixado num limbo sobre a condição d’*O capital* como um todo. Depois da morte de Marx, quando Engels examinou o legado literário de seu amigo, ficou ao mesmo tempo entusiasmado e horrorizado. Ele enalteceu a realização científica de seu amigo. O livro segundo “contém quase exclusivamente pesquisas rigorosamente científicas, muito sutis, sobre

6 Nessa rejeição por atacado de tudo isso, em qualquer coisa que se poderia chamar de “história” – em favor de uma pretensa sequência “puramente lógica” e igualmente de categorias “puramente lógicas”, mostra-se a cumplicidade secreta dos hegelianos com o programa e epistemologia dos neoclássicos.

7 Por uma vez, de fato, numa carta a Daniel’son de 1878, na qual novamente ressaltava as muitas “modificações e complementos importantes” na edição francesa, Marx admitiu que, na composição desta edição, ele simplificou a exposição, “em particular no primeiro capítulo” (carta de Marx a Nikolaj Francevic Daniel’son de 15 de novembro de 1878 in: MARX; ENGELS, 1966, p. 358).

coisas que ocorrem no interior da própria classe capitalista”, portanto, nada “de que se possam fabricar lemas e declamação”, escreveu após a primeira leitura dos manuscritos marxianos (carta de Engels a Karl Kautsky de 18 de setembro de 1883 *in*: MARX; ENGELS, 1979c, p. 61). Esse livro seria “um quebra-cabeças ainda maior (...) do que o primeiro. Trata-se, porém, de pesquisas maravilhosas, que esclarecerão as pessoas sobre o que é dinheiro e o que é capital” (carta de Engels a Karl Kautsky de 21 de junho de 1884 *in*: MARX; ENGELS, 1979c, p. 165). Quando o livro segundo d’*O capital* foi publicado, logo Engels se viu correto em sua expectativa, pois “causou grande decepção, porque é tão puramente científico e não contém muito de agitador” (carta de Engels a Friedrich Adolph Sorge de 3 de junho de 1885 *in*: MARX; ENGELS, 1979c, p. 324). Ele escreveu a Nikolaj Francevic Daniel’son: “Eu não duvido de que o livro segundo vá agradá-lo tanto quanto agradou a mim. As observações que ele encerra, de fato, possuem um nível tão extraordinariamente alto que o leitor comum fará o esforço de refletir sobre elas e acompanhá-las até o fim.” No prefácio ao segundo livro ele falou sobre as “brilhantes investigações desse Livro II e seus resultados totalmente novos em territórios quase inexplorados até agora”. Estas investigações e seus resultados seriam certamente apenas “antecedentes para o conteúdo do Livro III”, o volume conclusivo, no qual somente então poderiam ser “desenvolvidos os resultados conclusivos da exposição marxiana sobre o processo de reprodução social em base capitalista” (carta de Engels a Nikolaj Francevic Daniel’son de 13 de novembro de 1885 *in*: MARX; ENGELS, 1963, p. 384). Engels tinha uma opinião possivelmente ainda mais elevada desse terceiro livro: era “uma miscelânea que ainda eclipsará cientificamente o primeiro [livro]” (carta de Engels a Johann Philipp Becker de 15 de junho de 1885 *in*: MARX; ENGELS, 1979c, p. 328).

Engels viu que se tratava de um primeiro esboço inconcluso. Capítulos inteiros, como o quinto, sobre capital, crédito e bancos, permaneciam ainda, durante muito tempo, no estágio de uma reunião de materiais. Entretanto, seu entusiasmo prevalecia: O “terceiro livro d’*O capital* será tão mais grandioso quanto mais profundamente eu o estudo... Ele é de difícil compreensão, tanto quanto um homem que teve na cabeça tais descobertas enormes, tal revolução científica abrangente e completa e as pôde guardar consigo por 20 anos” (carta de Engels a Laura Lafargue de 8 de março de 1885 *in*: MARX; ENGELS, 1979c, p. 286), escreveu na primeira leitura do manuscrito de 1864-5. Este terceiro volume, “que contém os resultados conclusivos e, de fato, um assunto brilhante, revolucionará a economia inteira e causará enorme alarde”, segundo a expectativa de Engels na primavera de 1885, quando se encontrava com o livro segundo no prelo e trabalhava no terceiro (carta a Johann Philipp Becker de 2 de abril de 1885 *in*: MARX; ENGELS, 1979c, p. 328). Sua alegria antecipada o fazia esquecer totalmente dos grandes esforços que ainda tinha diante de si. “O Livro III está em elaboração. É admiravelmente brilhante. Essa revolução da velha economia é realmente tremenda. Pela primeira vez, nossa teoria adquire assim uma base inabalável e nós seremos capazes de fazer frente vitoriosa em qualquer aspecto (carta a August Bebel de 4 de abril de 1885 *in*: MARX; ENGELS, 1979c, pp. 293-4). O livro terceiro, ele escreveu a Daniel’son, é a “a parte conclusiva e o coroamento” e “ainda eclipsará” o livro primeiro. Segundo Engels, na mesma carta, este livro é “o mais incrível que já li e é mil vezes triste que o autor não o tenha conseguido elaborar para publicá-lo ele mesmo e observar o impacto que ele inevitavelmente provocará. Depois de uma exposição tão clara, dúvidas diretas não são mais possíveis. As questões mais difíceis são esclarecidas e elucidadas com facilidade, como se fosse uma brincadeira de criança, e todo o sistema adquire um aspecto novo e simples” (carta de Engels a Nikolaj Francevic Daniel’son de 23 de abril de 1885 *in*: MARX; ENGELS, 1979c, pp. 301-2).

Evidentemente, logo se tornou claro para ele que o efeito antecipado do livro terceiro poderia ser prejudicado pela forma de exposição incompleta, inacabada. A exposição marxiana não era em absoluto tão clara quanto Engels considerara na primeira leitura. Muito permaneceu incompleto. As investigações brilhantes de Marx perderiam muito de seu impacto se não fossem submetidas à forma clara, apropriada que, de fato, não permitisse quaisquer objeções. Com isso, Engels reformulou sua tarefa, segundo a qual ele teria trabalhado no manuscrito durante quatro anos e conhecido suas fraquezas: precisamente porque “esse volume conclusivo é um trabalho tão magnífica e completamente intangível, [é] que tomei como meu dever publicá-lo numa forma em se que produza clara e plasticamente a linha inteira da argumentação” (carta a Nikolaj Francevic Daniel’son de 4 de julho de 1889 *in*: MARX; ENGELS, 1967b, p. 244). O livro terceiro deveria ser publicado sob uma forma que cumprisse seu objetivo. Somente assim, com o terceiro e conclusivo livro, e isso era claro tanto para Engels quanto para os amigos que aguardavam, seria “o sistema completo do autor plenamente compreensível” e, então, “também muitas das tolas objeções levantadas se tornariam sem sentido” (carta de Engels a Nikolaj Francevic Daniel’son de 9 de novembro de 1886 *in*: MARX; ENGELS, 1979c, p. 567).

Com efeito, a partir dos manuscritos existentes de Marx, Engels compôs dois livros que, desde 1885 e 1894, são conhecidos por nós, respectivamente, como os livros segundo e terceiro d’*O capital*. Esses dois livros não são uma obra histórico-crítica dos manuscritos originais. São, antes, uma edição com a qual Engels ambicionou chegar ao mais próximo daquilo que Marx teria pretendido apresentar. Nas “palavras de Marx”, mas também no “espírito marxiano”, ali onde faltavam as palavras marxianas. Nos prefácios aos livros segundo e terceiro d’*O capital* ele prestou contas com clareza sobre sua atividade de redação. Ele também deve ser avaliado por este depoimento pessoal. A crítica mesquinha começou ali onde um Engels fictício foi colocado na posição do editor

de uma obra histórico-crítica completa, que deveria ter editado obsequiosamente o texto original e renunciado a todos os aditamentos e ulteriores revisões. Assim, segundo os critérios de uma edição científica, tais adendos pertencem somente a um aparato crítico ou às notas, não ao texto. Infelizmente, nossos capciosos amigos ignoram que se tratava de manuscritos de Marx que foram publicados por seu amigo Engels. E ele queria, como Marx, a “revolução da velha economia”, a revolução científica: o livro terceiro deveria “funcionar uma vez mais como uma trovoadá”, um estrondo com o qual “toda a economia burguesa oficial será reduzida a nada” (carta de Engels a Friedrich Adolph Sorge de 3 de junho de 1885 *in*: MARX; ENGELS, 1979c, p. 324). Por isso, Engels considerou justificáveis extensas intervenções no texto marxiano disponível. As reações após a publicação do livro terceiro, em 1894, mostram, no entanto, que ele não encobriu o caráter do texto original, como um “primeiro esboço”, nem o falseou (ENGELS, “Prefácio” a *O capital* I. III *in*: MARX; ENGELS, 1964, p. 11; 2004, p. 7). Engels foi repreendido por não poucos contemporâneos por haver publicado o manuscrito marxiano nessa forma inacabada e por não haver elaborado o texto mais minuciosamente. Sombart, por exemplo, fez-lhe críticas ferozes, considerou sua edição modesta demais e avaliou como literalmente irresponsável publicar um texto de tal modo inacabado (cf. SOMBART, 1894, pp. 557-8). Engels aceitou sem comentários. Entretanto, repudiou de modo explícito o elogio de Sombart de que poderia ter feito algo “melhor” a partir do manuscrito marxiano do livro terceiro, se simplesmente tivesse desejado. Engels enfatizou, ao contrário, que quis expor “Marx nas palavras de Marx”, portanto, apresentar os manuscritos marxianos como esboços inacabados, com repetições, fragmentos e saltos, com passagens fragmentárias e hiatos – “mesmo com o risco de esperar um pouco mais do pensamento próprio do leitor” (carta de Engels a Werner Sombart de 11 de março de 1895 *in*: MARX; ENGELS, 1968 p. 429).

Com a iminente conclusão da segunda seção da MEGA, teremos diante de nós todos os manuscritos originais de Marx para o segundo e terceiro livros, tal qual foram produzidos nos anos de 1863-5 e, depois, nos anos de 1868-81 (com interrupções)⁸. A eles se acrescem os manuscritos redacionais de Engels (volumes II/12 e II/14 da MEGA). Aquilo que, no curso de seu trabalho de redação, o próprio Engels modificou, transpôs, reescreveu ou completou e expandiu, isto poderemos então determinar e também avaliar no contexto correto – sob a perspectiva dos materiais existentes e das intenções de Marx, que eram e são identificáveis a respeito. Com isso, pode-se acabar realmente com a descompostura exorbitante a Engels. Quando os manuscritos não estavam disponíveis, esta crítica era puramente especulativa ou se baseava, por sua vez, em falsificações facilmente demonstráveis dos textos marxianos (cf. ARTHUR, 1996). Hoje, só pode ser considerada insustentável.

O método de Engels

No caso do livro segundo d’*O capital*, tivemos muita sorte: o método de Engels está bem documentado e acessível em todos os detalhes, pois todo o manuscrito redacional para o livro segundo, publicado em 1885, permaneceu intacto e foi publicado no volume II/12 da MEGA. Temos também os manuscritos marxianos para o livro segundo, do primeiro esboço, escrito no ano de 1864 e publicado no volume II/4.1 da MEGA, até o último *Manuscrito VIII*, no qual Marx trabalhou até o começo do verão de 1881, segundo o estado corrente da pesquisa. Engels tinha todos estes manuscritos à disposição e os utilizou também. Portanto, podemos comparar a descrição do trabalho editorial que, como uma espécie de prestação de contas, Engels mesmo forneceu no prefácio com os documentos de trabalho produzidos por ele mesmo e com os manuscritos originais, conseqüentemente, podemos reconstruir, em certa medida, o curso do trabalho de edição.

No caso do livro terceiro, a situação é mais difícil. Temos apenas os testemunhos de Engels, alguns manuscritos redacionais, que se referem ou à organização do livro ou a partes isoladas, em particular a quinta. Eles foram publicados agora no volume II/14 da MEGA. E temos os textos – o do manuscrito marxiano original de 1863-5 e o do livro terceiro d’*O capital*, tal qual Engels o publicou no ano de 1894. Nos dois casos, podemos comparar os manuscritos originais redigidos por Marx com o resultado do trabalho engelsiano de redação. Nos dois casos, Engels teve de fazer uma seleção dentre os manuscritos marxianos encontrados. No caso do livro segundo, isso foi muito mais difícil do que no caso do terceiro, pois aqui se apresentava um número muito maior de manuscritos, que se referiam a diferentes partes do livro segundo planejado. Engels descreveu a própria dificuldade em sua prestação de contas editorial, no prefácio ao livro segundo (cf. ENGELS, “Prefácio” a *O capital* I. II *in*: MARX; ENGELS, 1963, pp. 8-12).

Considerando-a inútil, Engels deixou de lado toda a primeira formulação do livro feita por Marx, que a redigira na primavera de 1865. Uma decisão compreensível, que seguiu o princípio adotado posteriormente de utilizar como texto-base, sempre que possível, o último estágio do trabalho, desde que fosse inquestionavelmente fiel aos manuscritos marxianos. Com isso, Engels seguiu o próprio processo marxiano de aprendizagem, portanto,

8 A segunda seção da MEGA, relativa a *O capital* e seus esboços, seria concluída em 2012. [N.T.]

pressupôs sempre que a última versão também forneceria a melhor e mais madura exposição do que Marx tinha a dizer. Ele mesmo era cientista o suficiente para entender o caminho do conhecimento, severo e longo, às vezes, tortuoso, que Marx lhe descrevera com frequência regular. Além disso, conhecia o método de Marx suficientemente e testemunhou, com a máxima proximidade, suas melhorias e aprimoramentos, durante anos, no texto do livro primeiro.

No caso do livro terceiro, Engels teve de tomar o primeiro esboço, redigido por Marx nos anos de 1864-5, como o principal manuscrito, porque os redigidos posteriormente cobrem apenas uma pequena parte da temática do livro. Os manuscritos para o livro terceiro redigidos entre 1868 e 1882 dizem respeito todos à primeira parte, portanto, ao desenvolvimento das categorias lucro, preço de custo e taxa de lucro. Mesmo esta temática não é tratada exaustivamente nesses manuscritos marxianos, pois, na abordagem matemática da relação entre taxa de mais-valor e taxa de lucro, Marx teve consideráveis dificuldades e a adiou por longos períodos, quando previu isso. Com efeito, sua ambição prosseguiu claramente – no último manuscrito de 1882, ele tratou de taxa de lucro, rotação do capital e juros (cf. MARX; ENGELS, 2003a, pp. 155-62) – mas não chegou com isso a qualquer fim que pudesse satisfazê-lo. Engels, que estudou todos esses manuscritos marxianos meticulosamente, no caso do longo manuscrito de 1875 (“Taxa de mais-valor e taxa de lucro matematicamente consideradas”), mesmo tendo consultado Samuel Moore, não podia ignorar que se tratava aqui de um manuscrito de pesquisa⁹. O processo de pesquisa marxiano, nos anos 1870, não estava concluído, em absoluto. Engels deve ter constatado isto muito depressa, na revisão dos materiais e, portanto, também dos cadernos de excertos e notas deixados por Marx. Também, mesmo sem empreender uma leitura abrangente, ele pôde ver imediatamente em que Marx trabalhara quase até sua morte, aquilo que estudara intensivamente: modernas relações monetárias e de crédito, mercados bancário e financeiro em diferentes países e, em segundo lugar, as relações fundiárias, as condições da formação de renda e preço da terra – novamente em diversos países capitalistas. Se esses estudos de anos tinham um sentido em geral, era somente aquele de esclarecer os nexos que ainda não estavam claros para Marx em seu primeiro escrito de 1864-5. Assim ocorreu com o problema da renda absoluta, que deveria ser reelaborado totalmente, tão logo começou a industrialização em grande escala da agricultura num país como os Estados Unidos. Assim também o problema da circulação de dinheiro creditício e a criação de dinheiro e crédito no sistema bancário.

Assim, Engels estava diante de um dilema: admitir abertamente que Marx não terminara de modo algum o segundo livro e, sobretudo, o terceiro, e tratar ele mesmo de continuar as pesquisas marxianas; ou, por outro lado, agir “como se” e apresentar os resultados da pesquisa marxiana tão incompletos quanto ele os encontrara. O próprio Marx dissera explicitamente, numa carta em 1877, que os manuscritos existentes para os livros segundo e terceiro – assim como aquele para a “terceira parte, histórica” – estavam incompletos, “não preparados para a impressão”. Tratava-se de manuscritos de pesquisa, na forma rude (...) que toda pesquisa originalmente possui” (carta a Sigmund Schott de 3 de novembro de 1877 in: MARX; ENGELS, 1966, p. 307). Porém, Engels não poderia deixá-la nessa “forma rude”. Ao menos ele deveria buscar publicá-la “numa forma em se que produza clara e plasticamente a linha inteira da argumentação” (carta de Engels a Nikolaj Francevic Daniel’son de 4 de julho de 1889 in: MARX; ENGELS, 1967b, p. 244). Com isso, ele admitiu, ao mesmo tempo, que, nessa clareza da argumentação, não faltava absolutamente a “linha inteira” da exposição no manuscrito de Marx, mas antes ela permanecera confusa.

Engels poderia ter recorrido aos manuscritos iniciais para completar a exposição no livro terceiro – por exemplo, as investigações sobre renda da terra, que se encontram no manuscrito de 1861-3. Este manuscrito substancioso, que Engels certamente conhecia e que também citou e descreveu no prefácio ao livro segundo (cf. ENGELS, “Prefácio” a *O capital* I. II in: MARX; ENGELS, 1963, p. 8), forneceu-lhe ainda mais material para complemento – por exemplo, as inumeráveis observações sobre crédito e seu papel no capitalismo moderno, que já se encontravam no *Manuscrito de 1857-8* e às quais Marx sempre retornava em seus manuscritos para o livro segundo. E não era o único no legado de Marx. De uma série de suas declarações sobre o processo de pesquisa de Marx, pode-se concluir que, no mínimo, Engels tomara conhecimento do manuscrito do *Esboço de 1857-8*. Não é mais possível determinar quão intensivamente ele estudou este manuscrito. Portanto, Engels poderia ter-se servido no estoque desses escritos. Ele não o fez. Estava abertamente claro para ele que tais manuscritos marxianos deveriam ser lidos como materiais de pesquisa. Como manuscritos de pesquisa, além disso, que documentaram as etapas de um processo de pesquisa que não chegou absolutamente à conclusão. Portanto, escritos em que Marx ainda estava em busca de ou testava soluções que, n’*O capital*, não apresentaria precisamente em forma rude, mas antes em forma elaborada, artística. Nesse dilema – entre aquilo que ele considerava a ideia principal, brilhante e genial do autor e, por outro lado, aquilo que descobriu na exposição incompleta, lenta, redundante, disforme – Engels tomou como regra a fidelidade, portanto, não buscou a qualquer preço se colocar no lugar do autor. Todos

⁹ A revisão de Samuel Moore sobre o manuscrito marxiano foi publicada pela primeira vez no volume II/14 da MEGA (cf. MOORE, 2003a, pp. 351-6; 2003b, pp. 357-9).

os leitores dos livros segundo e terceiro notam isso imediatamente. Muitos dirigem reprovações severas a Engels por isso.

Diferenças entre o manuscrito de Marx e a redação de Engels

De fato: se fossem riscados todos os aditamentos e comentários de Engels ao livro terceiro d'*O capital*, seria obtido um livro menos volumoso. Melhor também? Engels se aplicou, sobretudo, ali onde as lacunas no manuscrito marxiano eram inequívocas e incômodas. Seus aditamentos e adendos são predominantemente, quando não completamente, de tal natureza. Por meio das listas da redação engelsiana (publicada no volume II/15 da MEGA), pode-se determinar que nove décimos dos adendos feitos por Engels também são identificados como tal, cerca de um décimo, não. Pode-se argumentar se todos os aditamentos e adendos de Engels eram necessários. Um editor atual não faria isto numa edição científica – de todo modo, não no texto, mas no máximo em seus comentários e separados dele.

Certamente, Engels se conteve nos comentários muito mais no segundo livro do que no terceiro. Ele estava numa situação favorável aqui, de poder recorrer a dois manuscritos longos e elaborados, embora não concluídos. O *Manuscrito II*, escrito entre 1868 e meados de 1870, poderia ser considerado o segundo esboço de todo o livro segundo. Ele foi definido até mesmo por Marx, explicitamente em seu “Referências a meus cadernos antigos” de 1877, como o mais importante texto-base: “Caderno II. [*Esta 2ª exposição deve ser tomada como base*]” (MARX, “Manuscritos para o l. II de *O capital*” in: MARX; ENGELS, 2008 p. 539). Engels reteve isso, mas consultou sistematicamente as várias exposições escritas por Marx no último *Manuscrito VIII*, redigido entre dezembro de 1876 e o início de 1881. Assim, a Parte III do Livro II foi composta quase totalmente por estes dois manuscritos, com o *Manuscrito VIII* como base e o *Manuscrito II* para preencher lacunas. No preenchimento das lacunas no *Manuscrito VIII*, certamente, Engels se conteve de modo evidente na exposição da reprodução ampliada de todo o capital social. Ele justificou, ou melhor, desculpou-se com a evidência de que tudo que Marx quis dizer já havia dito nesses manuscritos (ENGELS, “Prefácio” a *O capital* l. II in: MARX; ENGELS, 1963 p. 12).

Ele não estava, entretanto, absolutamente satisfeito com a exposição que resultara da compilação dos manuscritos disponíveis. Em seu juízo sobre o livro segundo, Engels permaneceu dividido. Ele via a enorme realização intelectual e via as lacunas e fraquezas da exposição, que não suprimira com sua elaboração. Assim escreveu, em 1895, a Viktor Adler – como guia de leitura para os livros segundo e terceiro d'*O capital* – sobre a Parte III: É

uma exposição esplêndida, que aborda aqui pela primeira vez, desde os fisiocratas, o ciclo completo de mercadorias e dinheiro na sociedade capitalista – esplêndida segundo o conteúdo, mas tremendamente desajeitada segundo a forma, porque 1. Remendo de dois textos, que empregaram dois métodos distintos e 2. Porque o texto n. 2 [refere-se ao *Manuscrito VIII* – M.K.] foi concluído à força, numa enfermidade (carta de Engels a Viktor Adler de 16 de março de 1895 in: MARX; ENGELS, 1968, p. 436).

Engels não escondeu isso absolutamente e seria lamentável para ele próprio se tivesse de fazê-lo.

As mais extensas intervenções se encontram nas partes I e V do livro terceiro, em que Engels realizou o maior esforço. Ele designou a quinta parte repetidamente de a “mais difícil”. Seus breves pronunciamentos a respeito mostram que ele lutou com ela durante anos¹⁰. Não é por acaso, pois aqui se encontravam as maiores dificuldades a superar e, aqui, tirante algumas tentativas, Marx deixou apenas certas linhas de argumento parcialmente elaboradas, numerosas observações e notas, em grande parte, tão somente uma coletânea provisória de materiais. Portanto, Engels teve de intervir, rearranjando o texto, reescrevendo-o em parte.

Ao realizar modificações, teria Engels distorcido severamente o sentido pretendido do texto? Teria ele realmente negligenciado ou ignorado as intenções de Marx, ali onde foram inequivocamente expressas? Esta é a tônica das mais severas objeções contra o trabalho editorial de Engels, levantadas pouco depois da publicação dos manuscritos marxianos originais para o livro terceiro, em 1992. Essa variante mais recente da crítica a Engels se baseia em dois pressupostos implícitos: a) Marx estava completamente certo e decidido no que se refere à sua agenda e b) os críticos de Engels compreendem Marx melhor do que ele jamais o fez. Isso pode suscitar dúvidas. Ao contrário de seus críticos, Engels conhecia tudo o que nós só descobrimos lentamente agora. Ele podia recorrer totalmente aos manuscritos deixados por Marx e a seus excertos e notas. Tinha à disposição e utilizava incontáveis explicações de Marx na correspondência. Principalmente, conhecera pessoalmente o autor em longos anos de colaboração.

¹⁰ Existem muitas evidências na correspondência de Engels nos anos de 1884 a 1894. Ele também reclamou sobre a primeira parte, na qual ele até reescreveu um capítulo e que “teve de editar completamente”, pois os materiais deixados por Marx se apresentavam “todos apenas em esboço” (carta de Engels a Laura Lafargue de 24 de novembro de 1888 in: MARX; ENGELS, 1967b, p. 120).

Marx não estava certo sobre seus manuscritos. Simplesmente porque não estava pronto em muitos aspectos, tinha apenas uma ideia básica em mente ou posta no papel, sem elaborá-la em todos os detalhes. Assim, a partir de 1870, Marx realizou sempre novas tentativas de corretamente compreender, matematicamente, uma correlação como aquela de taxa de mais-valor e taxa de lucro, que, em princípio, já estava clara para ele havia muito. Engels, que tinha diante de si todos os manuscritos marxianos escritos depois de 1868 para os livros segundo e terceiro, deve ter constatado que não estava absolutamente concluído o processo de pesquisa, que deveria abrir o estágio da crítica profunda e radical. Portanto, ele pôde registrar com reserva as observações redacionais intercaladas nos manuscritos (a tônica sempre repetida: “Trataremos disso mais tarde”, “isso não pertence a este ponto”, “isso está fora do escopo da pesquisa planejada”); ele precisou ou certamente pôde ver que os manuscritos não eram em absoluto a última palavra de Marx sobre o assunto. Ele teria de atenuá-los radicalmente. Porém, não fez isso – o caráter de um esboço, uma versão rudimentar e um “work in progress” foi mantido. Porém, ele não estava apto a assumir uma espécie de direção teatral do autor Marx, *cum grano salis*, em seu próprio lugar. Eventualmente, testemunhou com frequência suficiente como Marx abandonava ou ampliava seus planos – no curso de seu processo de pesquisa, cujos resultados ainda não estavam consolidados para ele¹¹. Por exemplo, em junho de 1862, enquanto trabalhava no *Manuscrito de 1861-3*, Marx relatara a Engels que, finalmente, havia entrado em acordo com os erros na teoria ricardiana da renda da terra – o que, no entanto, não era objeto àquela altura (o capítulo do capital), ou seja, não deveria ter sido mencionado (carta de Marx a Engels de 18 de junho de 1862 *in*: MARX; ENGELS, 1974b, pp. 248-9). Logo depois, em agosto de 1862, escreveu-lhe o mesmo Marx que havia decidido incorporar a análise da renda da terra à sua exposição, naquele momento, somente como “ilustração” às proposições formuladas anteriormente sobre a formação de preços (carta de Marx a Engels de 2 de agosto de 1862 *in*: MARX; ENGELS, 1974b, p. 263). Tanto Marx quanto Engels conheciam suficientemente bem a economia política clássica e suas aporias para saber que se avançou ali além de uma “ilustração”. Portanto, Engels não estava absolutamente autorizado a distinguir entre as inserções de Marx sobre o progresso ou a estrutura e delimitação da exposição e, por outro lado, aquilo que o autor realmente estudara ou esboçara, ou seja, a tomar de fato uma decisão ali onde as duas não coincidiam – normalmente favorável à linha de argumentação fática no texto. Engels fez isso, por exemplo, na Parte V do livro terceiro, que, de fato, excede constantemente aquilo que Marx indicara em suas diversas anotações manuscritas. Aqui se apresentou explicitamente uma ambiguidade sobre a qual o autor ainda estava indeciso. Engels tomou uma decisão – meia decisão, caso se queira, como ele mesmo admitiu (ENGELS, “Prefácio” a *O capital* I. III *in*: MARX; ENGELS, 1964, p. 14; 2004, p. 9) – segundo a qual ele se orientou pelo modelo do livro primeiro: ali também as ilustrações iniciais, que preenchiam todas uma função necessária no curso da argumentação – como na exposição normalmente mal compreendida como digressão histórica da luta pela regulamentação da jornada de trabalho –, acabaram por dar muito bons resultados, como Marx originalmente planejara.

O segundo pressuposto é igualmente questionável. Com efeito, somente no futuro próximo, depois da conclusão da segunda seção da MEGA, os críticos de Engels poderão estar essencialmente numa situação aproximadamente comparável, a saber, de ter diante de si os manuscritos marxianos reunidos. Entretanto, ainda estarão sempre em desvantagem em relação a Engels, que conhecia o autor d’*O capital* desde longa colaboração, que, portanto, podia tanto avaliar seu método quanto o modo de solucionar problemas a que se inclinava.

Michael Heinrich centrou sua crítica à edição engelsiana do texto no livro terceiro em três pontos: Engels teria condensado as indicações marxianas, de tal modo que devesse ser produzida a impressão de que haveria uma investigação teórica do moderno sistema de crédito, incluído o dinheiro bancário. No entanto, isso seria incompatível com as observações marxianas sobre o escopo de sua exposição planejada n’*O capital*. Além disso, principalmente em sua edição e reorganização da terceira parte, sobre a queda tendencial da taxa de lucro, Engels teria inspirado ou promovido a impressão de que poderia haver, no nível de abstração da pesquisa marxiana em geral, uma asserção igualmente geral, teórica, sobre as crises cíclicas no capitalismo moderno (cf. HEINRICH, 1996-1997, nota 16)¹². As duas censuras, evidentemente, repousam na noção falsa de que Marx teria abandonado completamente seu conhecido plano de seis livros de 1858, no curso de suas mudanças de planos nos seis anos seguintes. Não é absolutamente o caso, como demonstra claramente o texto do livro primeiro, repetidamente revisado e aditado pelo próprio Marx. Nem o mercado mundial, nem o crédito, nem mesmo o estado ou as crises desapareceram ali ou foram relegados às notas de rodapé – no sentido de declarações de que, mais tarde, na eventual continuação da obra, ainda poderiam ser abordados. O terceiro capítulo do livro primeiro (na versão de 1872) culmina com a categoria do dinheiro mundial, portanto, do mercado mundial. Em capítulos semelhantes, desde o início (não apenas a partir da terceira edição, como opinam alguns comentadores anglo-americanos), Marx mencionou expressamente, com relação ao livro terceiro, que o momento decisivo e importante da “crise

11 Diferente das suas melhoras práticas atuais, financiadas por *third party funding*.

12 Abordarei a seguir o terceiro ponto, de que Engels teria historicizado a exposição marxiana de modo incorreto.

monetária” ocorre numa “passagem periódica do sistema de crédito ao sistema monetário”. Igualmente, este capítulo contém o primeiro passo em direção a uma análise avançada da moderna forma do sistema de crédito, que deveria emergir da função do dinheiro como meio de pagamento – e, com efeito, isso aparece em todas as versões do livro primeiro que, entre 1867 e 1882, Marx mesmo elaborou ou publicou (MARX, *O capital* I. I [Hamburgo, 1867] in: MARX; ENGELS, 2004, pp. 94-5; *O capital* I. I [Hamburgo, 1872] in: MARX; ENGELS, 1987a, pp. 159-60). A partir de 1873, não falta mais a referência à sequência desse desenvolvimento, que seria apenas indicado no livro terceiro (MARX, *O capital* I. I [Hamburgo, 1872] in: MARX; ENGELS, 1987a, pp. 160-1).

Os dois principais manuscritos para o livro segundo – *Manuscrito II*, de 1868 a 1870, e *Manuscrito VIII*, de 1876 a 1881 – contêm, assim como os pequenos manuscritos, uma linha de argumentação que Marx seguiu sistematicamente (e que tinha em mente desde 1857): das “leis” do ciclo do capital, da dinâmica interna da rotação do capital, emergem as fontes inevitavelmente numerosas, assim como as necessidades do crédito. Todo o livro segundo é um estágio intermediário sem o qual a subsequente teoria marxiana do capital portador de juros e do dinheiro de crédito deveria ter permanecido completamente ininteligível¹³. Eis algo por que Engels poderia ser criticado, na melhor das hipóteses: com muita hesitação, ele lidou com a exposição inacabada deixada por Marx, em lugar de ao menos reforçar os indícios da “linha inteira” da argumentação marxiana, que aparece esporadicamente nos manuscritos. Em que medida seria a exposição feita em detalhe, quais ilustrações, quais materiais teriam sido eventualmente incorporados à versão final, se Marx realmente tivesse investigado o sistema monetário e creditício americano como o “mais moderno” do mundo do capitalismo, Engels poderia saber tão pouco quanto podemos saber hoje. Entretanto, das cartas de Marx do ano de 1868 Engels sabia que este, de fato, planejara expandir consideravelmente a exposição do crédito (cartas de Marx a Engels de 30 de abril e 14 de novembro de 1868 in: MARX; ENGELS, 1974b, pp. 74; 204). Um breve exame dos cadernos de excertos e notas de Marx dos anos 1870 lhe diziam o mesmo: Marx planejara e trabalhara numa extensa exposição e numa crítica do sistema de crédito moderno, até o sistema bancário desenvolvido.

Mais notável ainda é a censura de que Engels teria criado a impressão de que haveria, n’*O capital* marxiano, algo como uma teoria das crises – ao menos a intenção. Engels nunca afirmou que a exposição marxiana da queda tendencial da taxa de lucro, no livro terceiro – uma exposição a partir da lógica interna do modo de produção capitalista – seria, ao mesmo tempo, uma teoria das crises. Certamente, ele buscou condensar um trecho da terceira parte, a saber, as últimas passagens, especialmente um capítulo (Capítulo 15, “Desdobramentos das contradições internas da lei”) e buscou ordenar, de certo modo, as notas e observações marxianas, dispersas de modo assistemático na conclusão da seção, na qual Marx buscara esclarecer o significado da lei deduzida para o modo de produção capitalista (MARX, *O capital – Manuscrito econômico de 1863-5* in: MARX; ENGELS, 2012 pp. 309 ss). Em parte alguma, nesse capítulo, Engels criou a impressão de que se trataria ali de uma exposição sistemática das crises cíclicas, ou de que seria aquele o lugar sistemático, na exposição completa d’*O capital*, a que tal exposição pertencesse ou em que fosse esperada. Ele não poderia em absoluto, já que ao menos estava suficientemente claro para ele o nexos necessário de crédito e crise, tal qual Marx tinha em mente. Assim, somente os marxistas posteriores elaboraram uma teoria da crise. Entretanto, desde o início, a exposição marxiana n’*O capital* foi orientada para uma teoria da crise – também segundo a mudança de plano nos anos 1860; e Engels, que podia ler, sabia disso. Também, já seria uma bela crítica da economia política a que renunciasses à crítica da “lei” de Say! Marx também deveria realizar isso n’*O capital*: mostrar que o teorema da economia política clássica sobre a impossibilidade – de que não pode haver crise em geral, sobreprodução em geral! – foi um teorema construído sobre areia metafísica, que igualmente demonstra de modo convincente sua impotência teórica, dado o fenômeno das crises cíclicas. Este era o teste duplo para a crítica de Marx: a refutação da lei de Say (ou a chamada “teoria dos mercados”) e, ao mesmo tempo, a demonstração da necessidade, não apenas da possibilidade das crises em geral – mas, de fato, de crises gerais, periodicamente recorrentes, que constituem o momento decisivo de um ciclo industrial regular e que, portanto, tinham de atuar de modo determinante na dinâmica do capitalismo moderno. O todo, uma vez mais, na relação com uma sequência de momentos particulares da crise geral, respectivamente, na relação com o efeito de “crises particulares”. Um programa altamente ambicioso, que Marx seguiu desde os anos 1850. Sua ambição a respeito foi arrefecida ocasionalmente, nunca quebrada. Ainda em 1879, ele reiterou que a elaboração teórica, portanto, não apenas a “explicação histórica” dos fenômenos bastante peculiares da Grande Depressão, era “de grande importância para o pesquisador da produção capitalista e para o teórico profissional” (carta de Marx a Nikolaj Francevic Daniel’son de 10 de abril de 1879 in: MARX; ENGELS, 1966 p. 372).

Engels, que levava Marx a sério, mesmo que estivesse consciente das dificuldades do programa ou que delas tivesse de tomar consciência no curso de seu trabalho nos manuscritos, não ocultou esses elementos da teoria marxiana de modo algum, embora estivessem bastante incompletos. Seus críticos querem se livrar deles de bom

¹³ No livro segundo Marx desenvolveu – e mesmo em todos os manuscritos – a categoria do capital “ocioso” e identificou o tempo de circulação e o tamanho do mercado como limites à valorização do capital.

grado, porque temem as dificuldades às quais se expõem¹⁴. Ao contrário, a linha argumentativa de Marx já estava clara desde o *Esboço de 1857-8*: trata-se então de “desenvolver” o conceito de capital, com isso, de desenvolver também todas as contradições inerentes que se encontram no capital – como conjunto de relações sociais, como complexo de processos sociais (carta de Marx a Nikolaj Francevic Daniel’son de 10 de abril de 1879 in: MARX; ENGELS, 1966 p. 372). Toda contradição real do modo de produção capitalista é, ao mesmo tempo, um “motivo da crise”, segundo Marx no *Manuscrito de 1861-3* (MARX, *Crítica da economia política – Manuscrito 1861-3* in: MARX; ENGELS, 1978b, p. 1.141). Na “crise geral do mercado mundial”, “eclodem coletivamente (...) todas as contradições da produção burguesa”. Para diferenciar crises “gerais” de “particulares” (MARX, *Crítica da economia política – Manuscrito 1861-3* in: MARX; ENGELS, 1978b, p. 1.154), sempre é necessário o conceito desenvolvido de capital: pois, nas crises gerais, concorrem todas as contradições do modo de produção capitalista, nas crises particulares (que podem ser, ao mesmo tempo, momentos das crises gerais), estão sempre e somente contradições específicas, que se afirmam “dispersas, isoladas, unilaterais” (MARX, *Crítica da economia política – Manuscrito de 1861-3* in: MARX; ENGELS, 1978b, p. 1.154). Como se isso não fosse um programa de teoria das crises! Das numerosas “possibilidades formais” de uma crise, que estão encerradas nas metamorfoses do capital, até as condições reais, que provavelmente, na verdade, que inevitavelmente, ao final, fazem eclodir uma crise (mesmo que refrável).

Simplesmente não se sustenta a censura de que Engels teria falseado o caráter de esboço do manuscrito, ao introduzir ali uma articulação e uma ordenação que não se encontravam no manuscrito marxiano – como, por exemplo, nas partes III e V (no manuscrito original, capítulos 3 e 5). Engels estruturou, completou, suavizou, introduziu emendas e notas de rodapé, procurou explicitar a linha da argumentação ou torná-la reconhecível onde necessário no manuscrito de Marx. Com isso, ele seguiu o modelo de Marx, cujo trabalho no livro primeiro conheceu bem e acompanhou de perto. Portanto, não é em absoluto contra Engels que se dirigem as censuras de ocasionalmente utilizar esboços dos cadernos de excertos marxianos dos anos 1870, quer dizer, de fazer inserções no texto do *Manuscrito de 1864-5* – por exemplo, na Parte VI, sobre a renda da terra (cf. VOLLGRAF; JUNGnickel, 1994, p. 22). Precisamente assim procedera Marx, precisamente assim Marx teria procedido no lugar de Engels.

Pode-se censurar o marxismo oficial por ter construído teoremas universais, prontos e acabados, a partir dos esboços e projetos de Marx, mas não a Engels como editor e compilador dos livros segundo e terceiro. No máximo, poderia ser censurado por não ter corrigido ou suprimido várias formulações ambíguas ou incorretas, devido ao enorme respeito a Marx (cf. JAHN, 1997, pp. 117-26). Que não tenha feito isso, portanto, que não tenha removido as ambiguidades e obscuridades nos manuscritos marxianos decorre de sua intenção de não ocultar o caráter de esboço do original.

A suposta queda de Engels

Graças à assim chamada “nova leitura de Marx”, entre os marxistas eruditos e marxólogos, hoje se tornou preconceito popular que Engels teria corrompido *O capital*. Definitivamente, ele teria encorajado interpretações erradas e conduzido gerações de marxistas e críticos de Marx por pistas falsas, não contra seu melhor juízo, mas antes porque ele não teria compreendido ou teria compreendido mal o método e a teoria de Marx.

A censura recai amplamente sobre os críticos de Engels, que mal conhecem o seu Marx ou que o distorcem a seu gosto. Todas as “historicizações” criticadas como falsificação do original foram claramente criadas por Marx, incluindo a historicização da conhecida lei do valor, do desenvolvimento do dinheiro, do conceito de capital, do conceito de trabalho assalariado, do conceito de concorrência etc. Os críticos eruditos, infelizmente, têm um conceito extremamente inocente de “história”, que só conseguem conceber como narrativa, como uma história de eventos. E eles não têm qualquer noção do método de desenvolvimento de Marx. Afinal, este tratou o modo de produção capitalista não exatamente como a totalidade hegeliana, mas antes como sistema aberto, um sistema que não se cria a si mesmo permanentemente, mas que se mantém dependente de “pressupostos externos”, portanto, que possui e necessita de circunstâncias, de “ambiente histórico”. Além disso, como um sistema com história, que conhece o próprio desenvolvimento e, no curso deste desenvolvimento, colide com seus limites, e mais, que também “transcende a si mesmo”, podendo ter, assim, diversos “futuros”. Naturalmente, Marx não escreveu com isso uma história econômica, mas desenvolveu antes uma teoria do capitalismo moderno. No entanto, ela é adequada a seu objeto na medida em que analisa e descreve a lógica de um desenvolvimento histórico. A exposição, elogiada com justiça, sobre o desenvolvimento dos modos de produção especificamente capitalistas –

¹⁴ A isso corresponde, por exemplo, o procedimento disfarçado de interpretação de Michael Heinrich, ao sabotar desde o início a teoria marxiana do dinheiro, na medida em que a necessidade lógico-sistemática de uma mercadoria-dinheiro é rigorosamente negada. Num instante, Marx é declarado, assim, nominalista contra a vontade. O fundamento, simples e no contexto dos paradoxos da “nova leitura de Marx”: querer cancelar a dificuldade de se encontrar uma explicação coerente para os fenômenos do sistema monetário mundial de hoje, com base na teoria marxiana.

da cooperação simples, passando pela manufatura, até a fábrica e o sistema de fábricas –, na quarta parte do livro primeiro, segue essa lógica, que vigora justamente no tempo histórico. Marx não escreveu história da indústria, mas descreveu um trecho da *histoire raisonnée* [história conjectural], a lógica de um desenvolvimento histórico no espaço e no tempo, que alterou profundamente a sociedade em todos os aspectos (cf. KRÄTKE, 2006). Essa exposição exige categorias analíticas e diferenciações, como a produção de mais-valor absoluto e relativo, que não são elas mesmas categorias históricas e não possuem qualquer sequência ou hierarquia históricas.

Os numerosos adendos de Engels ao texto do manuscrito marxiano de 1864-5 frequentemente apresentam o caráter de atualizações e historicizações. Se fossem falsos por isso, conflitariam então com o caráter do manuscrito original de Marx, que deveriam completar e auxiliar? Penso que não. Por exemplo, se Marx, de sua parte, aceitou o desenvolvimento da sociedade por ações não apenas como fato histórico, mas o compreendeu antes como elemento necessário num desenvolvimento, que era inerente à lógica da valorização do capital; portanto, se ele considerou o capital por ações ou, de modo mais geral, o “capital associado” uma categoria teórica, não um detalhe jurídico, acidental, então não foi absolutamente inadequado, mas bem apropriado o adendo de Engels, enquanto eram criadas sociedades por ações de segunda e terceira potência (MARX, *O capital* I. III in: MARX; ENGELS, 1964, pp. 453-4; 2004, pp. 428-9). Os críticos já deveriam ter-se decidido: ou querem censurar Engels por declarações falsas objetivamente, isto é, historicamente, ou, alternativamente, querem alegar que os adendos tão “historicizados” não deveriam absolutamente ser buscados n’*O capital*. Então, deveriam igualmente abandonar a maior parte d’*O capital* marxiano.

Pode-se também arguir se foi feliz o conceito de Engels de uma produção “simples” de mercadorias; a afirmação não se sustenta, nada se encontra no texto marxiano a respeito. Assim como não se sustenta a afirmação de que, na primeira parte do livro primeiro, o discurso seja exclusivamente sobre “circulação”, nunca sobre produção¹⁵. As historicizações por Marx, nos primeiros capítulos do livro primeiro, são frequentemente vagas – ele criou algumas confusões com isso. Entretanto, algumas historicizações – como a explicação histórica de Marx de que o próprio Aristóteles não conseguiu descobrir o segredo do valor – são evidentes, ao menos para aqueles que são capazes de ler. Ainda hoje reina a confusão sobre conteúdo e alcance do conceito de “trabalho abstrato”, para não mencionar a confusão sobre o conceito de valor e as teorias do valor “monetárias” ou “pré-monetárias”. A confusão seria provavelmente menor se aos filósofos marxistas fossem familiares alguns fatos da história econômica.

Sem dúvida, Marx pretendia, no livro primeiro d’*O capital*, tratar da mercadoria “como tal” e do dinheiro “como tal”, como primeiro passo necessário para o desenvolvimento do conceito de capital. Na primeira edição do livro primeiro, de 1867, ele fechou o círculo da argumentação quando retornou brevemente à mercadoria, antecipando o que viria. Naquele momento, entretanto, apenas como “resultado da produção capitalista”, como a “mercadoria impregnada de mais-valor” (MARX, *O capital* I. I in: MARX; ENGELS, 1983a, p. 619). Engels não poderia ignorar isso e também o viu muito claramente, a julgar por sua resenha de 1868 ao livro primeiro (ENGELS, “Resenha” a *O capital* I. I in: MARX; ENGELS, 1962a, pp. 245-87)¹⁶. No entanto, como leitor atento, era-lhe igualmente claro que Marx não tratara, em absoluto, tanto de mercadoria quanto de dinheiro simplesmente “em geral”, mas precisamente em sua natureza historicamente específica, portanto, como mercadoria baseada no capitalismo, que possui particularidades quantitativas e qualitativas¹⁷, e o dinheiro, tal qual se desenvolve no contexto do modo de produção capitalista, até o ponto em que – de acordo com a lógica imanente da produção capitalista – é incorporado ao sistema de crédito e deslocado e substituído pelo crédito. Assim o dinheiro que se torna pressuposto histórico do capitalismo moderno é bastante diferente do dinheiro que aparece como resultado e momento imanente do modo de produção capitalista desenvolvido e do moderno sistema de crédito.

Engels necessitaria apenas consultar os manuscritos marxianos de 1857-8 e 1861-3 para encontrar evidências suficientes tanto sobre a “historicidade” do conceito de valor como sobre o “desenvolvimento” histórico das suas determinações. Que a determinação do valor, a categoria do próprio valor signifique uma “relação histórica” e seja determinada historicamente Marx afirmara no *Esboço de 1857-8*, assim como nas edições posteriores do primeiro capítulo do livro primeiro d’*O capital*, de 1867 e depois. No *Esboço*, Marx dissera expressamente que, antes da era

15 Apesar da afirmação sempre repetida do contrário, Marx se referiu frequentemente, já no primeiro capítulo, ao gênero de trabalho social que produz as mercadorias. O discurso é tanto sobre a divisão social do trabalho quanto sobre trabalhos privados de produtores independentes, que se relacionam somente *post festum*, na troca dos produtos de seus trabalhos. A repetidamente citada “circulação simples” é, em primeiro lugar, tão somente simples e, em segundo lugar, constitui apenas o objeto do terceiro capítulo.

16 Engels também se manifestou claramente numa carta a Marx sobre o objeto da primeira parte do livro primeiro: ele trata até “do dinheiro simples como tal”, sem “sua confusão com dinheiro de crédito” (carta de Engels a Marx de 2 de fevereiro de 1868 in: MARX; ENGELS, 1974ba, p. 27).

17 Mesmo nos manuscritos de 1863-5 se encontram várias evidências do gênero. Elas reaparecem nos manuscritos subsequentes para o livro segundo.

do capitalismo moderno, “momentos singulares da determinação do valor” podem ter se desenvolvido e outras formas de produção historicamente anteriores poderiam ter servido como “base material do desenvolvimento incompleto do valor” (MARX, *Grundrisse in: MARX; ENGELS*, 1983b, p. 177; 1976, pp. 174-5). Entretanto, Engels também encontrou observações semelhantes, naturalmente, no manuscrito principal para o livro terceiro, ali onde valor e preço de produção também são dispostos em relação historicamente recíproca (MARX: *Manuscrito de 1863-5 in: MARX; ENGELS*, 2012, p. 252). Essa nota marginal de Marx – os valores das mercadorias são “não apenas teoricamente, mas historicamente o *prius* a considerar dos preços de produção” (MARX: *Manuscrito de 1863-5 in: MARX; ENGELS*, 2012, p. 252) – inspirou Engels em sua tentativa de explicação de 1895¹⁸.

Contra a tônica da discussão que ele mesmo provocara, Engels queria mostrar que, no valor, não se tratava absolutamente de uma pura construção intelectual, de uma ficção dos teóricos. Sensível a distinções históricas como ele, graças a seus estudos históricos abrangentes, deveria estar claro para Engels que a abstração de uma produção de mercadorias “simples” era pouco adequada à historicização, já que inevitavelmente desconsideraria um grande número de formas de produção sociais, nas quais troca, mercados, dinheiro e produção de mercadorias desempenharam um papel absolutamente distinto. Certamente, ele também se opôs implicitamente à tese já popular em 1895 de que capital e capitalismo deveriam ser compreendidos como categorias supra-históricas, universais, existentes em todas as épocas. Aquilo que Engels buscou em seu adendo não foi em absoluto uma interpretação da exposição marxiana na primeira parte do livro primeiro. Ele não diz uma palavra a respeito. Aquilo que ele pretendeu foi uma explanação, com a qual queria introduzir e acrescentar uma nota marginal ao manuscrito original marxiano – a observação marxiana sobre a relação histórica de valor e preço de produção (ENGELS, “Adendo e suplemento ao l. III de *O capital*” in: MARX; ENGELS, 1964, pp. 903-4). Ele tinha toda razão, em essência: enquanto a produção de mercadorias não se tornou a forma dominante de produção, enquanto a grande massa de mercadorias não é produzida por empresários capitalistas privados, não se pode falar de concorrência geral, taxa de lucro geral e de um preço de produção. Além disso, pode-se questionar se os preços seriam determinados então por magnitudes de valor. Certamente, seria uma questão sobre o valor explicativo ou a utilidade da teoria do valor de Marx para épocas pré-capitalistas. O ponto realmente importante para Engels, entretanto, era seu esboço histórico da formação gradual da concorrência geral e, com isso, também de uma taxa de lucro médio geral, que conduziu a uma completa “transformação da formação dos preços”. Pode-se opor a Engels que, inevitavelmente, deveria acompanhá-la uma “transformação completa da formação do valor”, que o conceito de valor no capitalismo deveria ser diferente daquele que poderia valer para as economias de comércio e mercado pré-capitalistas. Historicamente, o construto engelsiano de uma produção simples de mercadorias permanece questionável. Ela não tem qualquer significado para o problema que foi posto juntamente com a questão dos preços de Engels. Entretanto, ela também não é a matriz de todas as interpretações erradas d’*O capital* marxiano, como querem os seus críticos.

Referências bibliográficas

- ARTHUR, Christopher J. “Engels as interpreter of Marx’ economics”. In: ARTHUR, Christopher J. (Org.). *Engels today: a centenary appreciation*. Londres/Nova York: Palgrave/MacMillan, 1996, pp. 173-209.
- CARVER, Terrell. *Marx and Engels: the intellectual relationship*. Bloomington: Brighton, 1983.
- _____. “The Engels-Marx question”. In: STEGER, Manfred; CARVER, Terrell. *Engels after Marx*. Manchester: Manchester University Press, 1999.
- HEINRICH, Michael. Engels’ edition of the third volume of *Capital* and Marx’s original manuscript. *Science & Society*. Nova York, n. 4, v. LX, pp. 452-66, 1996-7.
- HOWARD, Michael C.; KING, John E. *A history of Marxian economics* v. I. Londres: Basingstoke, 1989.
- JAHN, Wolfgang. “Über Sinn und Unsinn: eines Textvergleichs zwischen der Engels’schen Ausgabe des dritten Bandes des ‘Kapital’ von 1894 und den Marx’schen Urmanuskripten”. In: *MEGA-Studien* 1996/1. Berlim, 1997, pp. 117-26.

¹⁸ Tomada estritamente, a asserção marxiana não procede. O discurso só pode ser sobre uma relação histórica entre “preços-valores” e “preços de produção”. A questão é, certamente, sobre quais mercados históricos, em quais economias de mercado históricas, que lideraram historicamente o capitalismo moderno, tais “preços-valores” (portanto, preços que são determinados somente pela magnitude do valor das mercadorias, sem considerar uma taxa de lucro médio) devem ter subsistido.

- KAUTSKY, Karl. “Prefácio à edição popular”. In: MARX, Karl. *O capital* I. II. Edição popular, realizada por Karl Kautsky com colaboração de Benedikt Kautsky. Berlim, 1926.
- KRADER, Lawrence. *Ethnologie und Anthropologie bei Marx*. Frankfurt: Suhrkamp, 1976.
- McLELLAN, David. *Marxism after Marx*. Londres: Macmillan, 1998.
- KRÄTKE, Michael. “*Le capital – la dialectique bridée*”. In: OLLMANN, Bertell; SÈVE, Lucien. *Dialectiques, aujourd’hui*. Paris: Syllepse, 2006.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Werke* v. XIII. Berlim: Dietz Verlag, 1961.
- _____. *Werke* v. XVI. Berlim: Dietz Verlag, 1962a.
- _____. *Werke* v. XXI. Berlim: Dietz Verlag, 1962b.
- _____. *Werke* v. XXIV. Berlim: Dietz Verlag, 1963.
- _____. *Werke* XXV. Berlim: Dietz Verlag, 1964.
- _____. *Werke* v. XXXI. Berlim: Dietz Verlag, 1965.
- _____. *Werke* v. XXXIV. Berlim: Dietz Verlag, 1966
- _____. *Werke* v. XXXV. Berlim: Dietz Verlag, 1967a.
- _____. *Werke* v. XXXVII. Berlim: Dietz Verlag, 1967b.
- _____. *Werke* v. XXXIX. Berlim: Dietz Verlag, 1968.
- _____. *Werke* v. XXX. Berlim: Dietz Verlag, 1974a.
- _____. *Werke* v. XXXII. Berlim: Dietz Verlag, 1974b.
- _____. *Collected works* v. IV. Nova York: Progress, 1975a.
- _____. *Werke* v. XX. Berlim: Dietz Verlag, 1975b.
- _____. *Gesamtausgabe* v. II/1.1. Berlim: Dietz Verlag, 1976.
- _____. *Werke* v. XXIX. Berlim: Dietz Verlag, 1978a.
- _____. *Gesamtausgabe* v. II/3.3. Berlim: Dietz Verlag, 1978b.
- _____. *Collected works* v. XI. Nova York: Progress, 1979a.
- _____. *Werke* v. XXIII. Berlim: Dietz Verlag, 1979b.
- _____. *Werke* v. XXXVI. Berlim: Dietz Verlag, 1979c.
- _____. *Gesamtausgabe* v. II/2. Berlim: Dietz Verlag, 1980.
- _____. *Gesamtausgabe* v. II/5. Berlim: Dietz Verlag, 1983a.
- _____. *Werke* XXXXII. Berlim: Dietz Verlag, 1983b.
- _____. *Gesamtausgabe* v. I/18. Berlim: Dietz Verlag, 1984.
- _____. *Gesamtausgabe* v. I/26. Berlim: Dietz Verlag, 1985.
- _____. *Gesamtausgabe* v. II/6. Berlim: Dietz Verlag, 1987a.
- _____. *Werke* v. XIV. Berlim: Dietz Verlag, 1987b.
- _____. *Gesamtausgabe*, v. I/27. Berlim: Dietz Verlag, 1988.
- _____. *Gesamtausgabe* v. II/7. Berlim: Dietz Verlag, 1989.
- _____. *Gesamtausgabe* v. IV/31. Berlim: Akademie, 1999.
- _____. *Gesamtausgabe* v. II/14. Berlim: Akademie, 2003a.
- _____. *Gesamtausgabe* v. III/9. Berlim: Akademie, 2003b.
- _____. *Gesamtausgabe* v. II/15. Berlim: Akademie, 2004.

_____. *Gesamtausgabe* v. II/11. Berlim: Akademie, 2008.

_____. *Gesamtausgabe* v. II/4.2. Berlim: Akademie, 2012 (1. ed. 1992).

MAYER, Gustav. *Friedrich Engels*. Eine Biographie. Hamburgo, 1971 (1. ed. 1934).

MOORE, Samuel. “Taxa de mais-valor e taxa de lucro. Sumário do manuscrito de Marx”. In: MARX; ENGELS, *Gesamtausgabe* v. II/14. Berlim: Akademie, 2003a, pp. 351-6.

_____. “Revisão do manuscrito de 1875”. In: MARX; ENGELS, *Gesamtausgabe* v. II/14. Berlim: Akademie, 2003b, pp. 357-9.

RUBEL, Maximilien. Nach hundert Jahren: Plädoyer für Friedrich Engels. *Internationale wissenschaftliche Korrespondenz zur Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung*, ano 31, v. IV, pp. 520-31, 1995.

SOMBART, Werner. Zur Kritik des ökonomischen Systems von Karl Marx. *Archiv für soziale Gesetzgebung und Statistik*, v. 7, 1894.

STANLEY, John L. Stanley; ZIMMERMANN, Ernest. On the alleged differences between Marx and Engels. *Political Studies*. Londres, v. XXXII, 1984.

VOLLGRAF, Carl-Erich; JUNGnickel, Jürgen. “Marx in Marx’ Worten”. In: *MEGA-Studien 1994/2*. Berlim: IMES, 1994, pp. 3-55.

WELTY, Gordon. Marx, Engels e o *Anti-Dühring*. *Political Studies*. Londres, v. XXXI, pp. 284-94, 1983.